



*este livro
pertence a*



esplendor



esplendor
beth kery

Tradução de Ester Cortegano



CHÁDASCINCO

Uma chancela da Saída de Emergência

TÍTULO: *Esplendor*

AUTORIA: *Beth Kery*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2016 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Glow © 2015 Beth Kery. Publicado originalmente nos E.U.A. por The Berkley Publishing Group, 2015

TRADUÇÃO: *Ester Cortegano*

REVISÃO: *Chá das Cinco*

COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Chá das Cinco*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Chá das Cinxo*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Novembro, 2016*

ISBN: *978-989-710-271-4*

DEPÓSITO LEGAL: *416129/16*

Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência Taguspark, Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva, Edifício Qualidade — Bloco B3, Piso 0, Porta B 2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL.: *214 583 770*



WWW.CHADASCINCO.COM



/EDIÇÕES-CHÁ-DAS-CINCO



EDITORA.SAIDA.DE.EMERGENCIA

A G R A D E C I M E N T O S

Como sempre, gostaria de expressar o meu agradecimento e amor ao meu marido, que me dá tudo: desde uma prolífera informação factual até ao muito necessário apoio enquanto escrevo um livro. Agradeço também aos meus maravilhosos leitores, cujo encorajamento, *feedback* e felicitações oferecem o combustível diário para uma carreira que é conduzida maioritariamente na solidão.

Caro Leitor,

Estou tão entusiasmada por a sequência de *Vislumbre* estar finalmente a chegar às livrarias e *e-readers*! Esta foi a primeira vez na minha carreira de escritora em que tive uma história que senti ser demasiado grande para caber num único livro. Depois de escrever *Vislumbre*, percebi que havia mais, muito mais, a dizer sobre Alice e Dylan. Em *Esplendor*, quis dar a Alice a oportunidade de ultrapassar os incríveis desafios associados com o seu passado e crescer como mulher segura que está a aprender a confiar... e a amar. Espero que goste tanto da conclusão do apaixonado e emotivo romance entre Dylan e Alice como eu.

Obrigada por ler!

Beth

Na noite após a terrível tempestade, Alice sonhou enquanto dormia nos braços de Dylan Fall.

Estava de novo sentada na frente de um espelho em Twelve Oaks Inn — aquela espantosa casa com vista para o lago onde Dylan lhe dissera pela primeira vez como era especial para ele; onde tinha percebido que não era apenas uma rapariga medianamente bonita num estilo mais ou menos agressivo. Era linda. Desejável. Essa era uma verdade que tinha lido nos olhos de Dylan, naquela noite.

No sonho, Deanna Shrevecraft, a sofisticada e bondosa proprietária do Twelve Oaks Inn, que tinha sido tão sensível e generosa com o desconforto de Alice durante aquela escapadela romântica, estava de novo a maquilhá-la.

— Os seus olhos são tão bonitos — murmurou Deanna enquanto aplicava suavemente a sombra nos olhos.

— O Dylan não gosta da maneira como me maquillo — confessou Alice impulsivamente, mais uma vez experimentando uma aguda dor de embaraço ao lembrar-se das palavras de Dylan. — *Detesto que escureças as sobrancelhas. E não devias usar tanto lápis e rímel nos olhos.*

— Porque não gosta de a ver esconder-se. Ele sabe que há algo muito especial por baixo — diz Deanna num tom prático.

— Para quem considere que irremediáveis cromas são especiais — balbuciou Alice.

— Algumas são — garantiu-lhe Deanna com um olhar divertido. Estendeu a mão para uma bandeja de lápis para os olhos. Qualquer coisa cintilou no seu pulso, captando a atenção de Alice. Uma sensação de desconforto percorreu-a.

— Onde é que foi buscar essa pulseira? — perguntou Alice bruscamente. Reparou na expressão surpreendida de Deanna. — Quero dizer...

— O que é que *queria* dizer, a falar com Deanna daquela maneira? — É tão bonita — hesitou, pouco à vontade. A visão da linda pulseira no pulso de Deanna parecia, de certa forma errada. Deslocada. Mas o cérebro de Alice, no sonho, esforçava-se para se lembrar exatamente *porquê*.

— Foi o meu marido que ma deu — disse Deanna, aproximando-se dela com um lápis na mão. Alice recuou quando viu as manchas e quemaduras nos dedos dela, as unhas sujas. Chegou-lhe ao nariz um bem conhecido odor químico, tóxico e horrível. Ergueu o olhar, sobressaltada, e viu a cínzea palidez de um rosto maltratado. Deanna desaparecera. À maneira mágica dos sonhos, Sissy ocupara o seu lugar.

A mãe de Alice, Sissy Reed, tinha quarenta e cinco anos. Facilmente lhe dariam setenta. Era uma das muitas desvantagens de se fabricar e consumir metanfetaminas.

Alice foi invadida pela fúria, não por causa da visão da mãe, mas porque ela se atrevera a usar a linda e rara pulseira. Agarrou o pulso ossudo de Sissy e ergueu a pulseira com a ponta de um dedo.

— Isto não é teu. Roubaste-a. Não foi o teu marido que ta deu! Tu nem sequer tens marido, Sissy! — Empurrou o braço da outra mulher com desdém, a culpa a misturar-se com a aversão ao perceber como Sissy parecia leve e insubstancial... quando viu como ela tinha caído para trás com o empurrão.

— Tu nunca me chamaste mãe — acusou Sissy, e o seu falso choro passivo-agressivo era uma farpa demasiado familiar a enterrar-se sob a pele de Alice.

— Nunca conquistaste esse título.

O nojo e a culpa ardiam como ácido ao fundo da sua garganta. Bem como o desejo de algo diferente. Algo *mais*.

Perante os seus olhos, Sissy alterou-se, transformando-se numa linda mulher pálida de enormes olhos azuis — olhos muito parecidos com os de Alice, só que estavam dilatados de terror. Alice percebeu, com o seu próprio crescente horror, que havia um líquido carmesim a escorrer pelo lado da face e o pescoço da mulher. Ela estendeu as mãos para Alice, desesperada, e Alice viu de novo a delicada pulseira de ouro no seu pulso.

— *Foge, Addie. Esconde-te!*

Alice acordou, sufocada de medo.

Olhou loucamente em volta do quarto coberto de sombras, em

busca de uma ameaça. O seu coração batia como se pudesse explodir a qualquer segundo.

Em poucos segundos, o abraço de Dylan penetrou a sua ansiedade. Acalmou-a. Estava na suite de Dylan, no castelo Durand. Estava nos seus braços.

Segura.

Respirou fundo, trémula, e tentou obrigar o coração a bater mais devagar.

Com o despertar da racionalidade e o regresso da memória, Alice reconheceu que a bela pulseira de ouro não pertencia nem a Deanna Shrevecraft nem a Sissy Reed. A última mulher no sonho, Lynn Durand, fora a sua verdadeira proprietária.

Já vira aquela pulseira e a sua dona em sonhos, antes daquela noite. De facto, já julgara até ter *visto* a mulher a caminhar na sua frente enquanto estava bem acordada. Na altura, perguntara-se se era um fantasma. Mais tarde, percebera que era uma memória há muito esquecida a ressurgir à superfície no ambiente familiar da mansão Durand.

Lynn era mulher de Alan Durand, o brilhante homem de negócios que fundara a Durand Enterprises, a multibilionária multinacional que fabricava tudo desde doces a iogurtes e a bebidas energéticas. Os produtos da Durand eram permanentes em todas as lojas de doces no mundo. E, mesmo do outro lado da floresta, estava outro legado de Durand: o Campo Durand, um aclamado campo de férias que ajudava crianças em risco de Chicago e Detroit. O Campo Durand era o projeto de solidariedade preferido de Alan e Lynn. Alice era monitora no Campo Durand, uma entre os quinze detentores de MBA que tinham sido escolhidos por gestores da Durand para competirem por nove posições altamente ambicionadas na empresa.

Estaria mesmo apenas na sua terceira semana no Campo Durand? O tempo tornara-se tão difícil de contar. Em especial desde uns poucos dias antes, quando a vida de Alice fora completamente virada do avesso.

Na verdade, o primeiro abanão no mundo de Alice dera-se no momento em que entrara no escritório do reitor, meses antes, para uma entrevista com o CEO da Durand Enterprises, o impossivelmente lindo, a-anos-luz-do-seu-campeonato, Dylan Fall: o mesmo homem que estava agora a abraçar o seu corpo nu.

«Eu sabia que ia gostar de ti. Não fazia ideia de que me ia apaixonar.»

Pressionou os dedos contra o peito. O seu coração apertou-se com angustiado espanto ao lembrar-se de Dylan a dizer-lhe essas palavras, umas horas antes, depois do seu sexo tempestuoso. A recordação parecia-lhe bela: frágil e terna, nova e crua, o peso da realidade das palavras dele a parecer-lhe demasiado para o conseguir conter dentro de si. Queria desesperadamente acreditar nele, mas não tinha a certeza de o *conseguir*.

Em especial tendo em conta a magnitude de todas as outras informações que ouvira nos últimos dias. O pesadelo de que acordara trouxe-lhe tudo de volta. Estava muito confusa.

Muito assustada?

A dormir, Dylan mudou ligeiramente de posição e puxou-a com mais força contra si. Uma indizível emoção cresceu no peito dela, como um balão a encher. Por alguns segundos de pânico, não conseguiu respirar com a pressão. Jesus. Como era possível ter adquirido aquele nível de sentimentos por ele quando mal sabia da sua existência poucos meses antes e só o conhecia intimamente há um tão curto espaço de tempo?

Não é verdade que o conheces apenas há uns meses, é essa a razão. Conheceste-o durante a maior parte da tua vida, disse uma voz firme e autoritária na sua cabeça. Ela estremeceu instintivamente com a dura exortação, e o ar soltou-se dos seus pulmões. Alice só conseguia suportar a verdade em pequenas doses rápidas. Era como se o seu corpo e o seu cérebro não lhe pertencessem por completo. A sua fraqueza mortificou-a. Precisava de ser melhor. Precisava de ser mais forte.

Alice Reed não fugia da verdade.

A colcha e o lençol tinham deslizado para debaixo dos seus seios. O ar condicionado estava frio contra a sua pele nua, mas Dylan aquecia-lhe as costas. Alice sentiu vontade de se deixar enterrar mais fundo nos seus braços, fundir-se nele. Dylan fazia-a esquecer-se de tudo. O seu calor e o seu toque eram o mais doce dos vícios.

Mas, tal como na primeira vez que tinha acordado entre os seus braços, ela saiu furtivamente da cama.

Baixar as defesas e submeter-se ao conforto era algo a que Alice tinha sido quase programada para resistir. Em criança, obrigava-se a dormir com as janelas abertas, mesmo nas mais geladas noites do inverno de Chicago, para se prevenir contra os fumos tóxicos inerentes ao «negócio» de Sissy. Embora a caravana vibrasse com as vozes abrasivas e

duras dos seus tios e dos clientes de Sissy, Alice nunca usava ventoinha, rádio ou televisão, com receio que introduzissem no seu cérebro a segurança de um sono sólido. Precisava de ouvir qualquer ameaça que se aproximasse do seu quarto trancado, de se preparar para lutar ou para fugir. Um potencial incêndio no laboratório de metanfetaminas de Sissy era uma outra realidade diária para a qual tinha de se preparar. Escapar à sua história estava a provar-se um desafio.

Tremeu quando se levantou, e depois, cautelosamente, atravessou o quarto às escuras. Tinha visto Dylan pendurar as suas roupas na casa de banho. A tempestade apanhara-os na sua primeira força destrutiva. Só tinham chegado à entrada traseira do castelo Durand vários segundos depois de a chuva começar a jorrar em torrentes.

Ainda tinha a *T-shirt* um pouco molhada. Pegou nela na mesma, ignorando o roupão fofo, aconchegante e seco que Dylan lhe comprara. Os seus arrepios amplificaram-se quando desenrolou o tecido molhado sobre os seios e a barriga. Ignorou os calções de ganga e contentou-se com a roupa interior quase seca.

Quando saiu em silêncio da casa de banho, parou por um momento no quarto, à escuta. Tudo estava em silêncio. Dylan continuava a dormir. Era melhor assim. Ele não aprovaria a sua missão. Ou, pelo menos, insistiria em estar ao seu lado enquanto ela a levasse a cabo. Recordava vividamente as palavras dele durante a sua escaldante noite de sexo, enquanto a tempestade caía à sua volta.

— *Não gosto que estejas lá em baixo naquele campo, Alice. Não posso controlar o que te acontece.*

— *Não podes controlar o que acontece em cada segundo do meu dia — gemeu ela, porque ele a puxara contra si, premindo-lhe as costas contra o peito dele, e estava a assegurar-se da sua existência e segurança da forma mais elementar.*

— *Talvez não — arfou ele, enquanto roçava os dentes sobre a pele do pescoço dela e lhe moldava o seio com uma mão. — Mas neste momento posso.*

Sentimentos confusos de renovada excitação, irritação e pura compaixão pelo cuidado dele percorreram Alice com esta volátil memória. Lutara toda a sua vida para ser independente. A atitude proprietária de Dylan aborrecia-a um pouco. A sua possessividade também a excitava, um facto que muitas vezes fazia soar as sirenes de alarme na sua cabeça.

Mas Dylan tinha o *direito* àquela preocupação, não tinha? Conquistara esse direito. Vivera mais de metade da sua vida consumido pela ideia de encontrar Adelaide «Addie» Durand, a filha raptada e assumida como morta de Alan Durand. Todos os outros tinham aceitado há muito que Addie fora assassinada e jazia nalguma sepultura improvisada. Fora a inabalável convicção de Dylan — uma obstinada recusa em conceder a derrota, uma teimosa determinação, mesmo contra todas as mais horríveis probabilidades, que tinha origem na sua juventude nas duras e implacáveis ruas do West Side de Chicago — que acabara por o conduzir a Addie.

Mas Alice não tinha os mesmos laços pessoais nem os fortes sentimentos por Adelaide Durand. Para ela, aquela adorável menina privilegiada era uma tragédia distante. No mínimo, era relevante principalmente por causa do seu singular efeito sobre a vida de Dylan.

Foi isso que Alice disse a si mesma, de qualquer maneira, enquanto ficou ali parada, naquele quarto frio e escuro, gelada até aos ossos.

Cambaleou um pouco, suprimindo um poderoso desejo de voltar para a cama e aninhar-se contra a sólida extensão do corpo de Dylan. A visão da bela pulseira de Lynn Durand voltou a relampejar na sua mente.

Por mais bizarro que isso pudesse parecer, aquela pulseira não era apenas um sonho criado ao acaso pela mente inconsciente de Alice. A sua memória daquela pulseira era uma genuína recordação. Porque, por mais que tivesse dificuldade em acreditar nisso, Dylan jurava que era a absoluta verdade.

De acordo com Dylan, Alice Reed e Adelaide Durand eram uma única pessoa.

Foi a segunda vez naquela semana que Dylan acordou no quarto escuro para encontrar os seus braços vazios. O instinto disse-lhe que era demasiado cedo para acompanhar Alice ao campo, um ritual clandestino que tinham empreendido todas as manhãs antes do nascer do sol. Nenhum deles queria que os gestores da Durand ou o chefe dos recursos humanos, Sebastian Kehoe, soubessem que Alice passava as noites com o CEO da empresa. O que se passava entre ele e Alice era complicado e poderoso.

E não era da conta de mais ninguém.

Pelo menos, por enquanto.

Dylan não sabia quanto tempo conseguiria manter Alice e a Durand Enterprises em esferas separadas. A verdade é que Alice era a Durand Enterprises. Ela só não queria — ou não conseguia — aceitar essa realidade, naquele momento.

«Quando ela estiver preparada para ouvir certas coisas, vais perceber, Dylan. Ela não te vai perguntar aquilo que não quer saber. A natureza é assim mesmo; a mente inconsciente vai tentar protegê-la da verdade até ela estar preparada para a aguentar.»

Era a voz do amigo Sidney Gates que estava a ouvir na sua cabeça. Sidney era psiquiatra e um velho amigo de Alan Durand. Conhecia muito bem a história de Addie — e Alice. Dylan confiava na sua opinião mais do que em qualquer outra, no que dizia respeito ao estado de espírito de Alice naquele ponto.

O problema é que Sidney tinha também comparado Alice a um monte de explosivos por detonar. Ninguém podia ter a certeza do que a faria explodir, naquele momento.

Alarmado com essa ideia, tateou às cegas até encontrar o telemóvel sobre a sua mesa de cabeceira. Viu as horas. Não, tinha razão. Ainda só passavam poucos minutos das duas, demasiado cedo para Alice se levantar para se preparar para voltar ao campo.

Ergueu-se da cama com tanta pressa e alarme como da primeira vez, mas agora mais seguro de que sabia onde encontrá-la. O facto de o saber não acalmava a preocupação. Acendeu o candeeiro e vestiu umas calças de ganga.

Encontrou Alice plantada no meio do quarto vazio na ala ocidental, os punhos cerrados. As longas pernas tonificadas estavam nuas. Pareciam estranhamente vulneráveis no suave brilho do candelabro do teto.

A tensão comprimiu-se nos seus músculos. Naquela outra noite, quando encontrara Alice desorientada no corredor, ela alegava ter visto uma mulher; uma mulher que Dylan sabia estar morta há quase vinte anos. Era como se as suas memórias, há muito enterradas e em ressurgimento, fossem demasiado estranhas para as conseguir processar, por isso saltavam para o ambiente sólido do seu mundo como um estranho e inconsciente efeito holográfico. Ou, pelo menos, fora o que Sidney Gates lhe tentara explicar.

Era tão duro não saber o que esperar dela a cada momento. Dylan sentia que só podia ter a certeza do que esperar quando estava a fazer amor com ela, quando a sentia inteiramente presente, com ele, a abandonar-se ao prazer.

A abandonar-se a Dylan.

— Já te lembras a quem pertencia este quarto? — perguntou atrás dela, a sua voz a ecoar nas paredes nuas da grande suite quase vazia. Alice acusara-o de manipular e mentir, quando percebera que ele a impedira deliberadamente de entrar naquela divisão. Isso fora antes de lhe contar a verdade sobre a sua identidade.

Ficou contente quando ela se assustou ligeiramente e virou a cabeça, olhando-o nos olhos. Parecia totalmente alerta. Desde que Alice chegara ao castelo Durand, houvera algumas ocasiões em que tinha ficado imóvel na sua presença, parecendo estar a ver os fantasmas do passado.

Era isso que *ele* era para ela? Um fantasma?

— Era o quarto da Addie Durand? — perguntou ela lentamente, a voz baixa e rouca a fazer com que a pele dele se contraísse.

Dylan sentiu o coração martelar-lhe contra o esterno, embora soubesse que a sua aparência continuava calma. Por mais que se esforçasse — por melhor que compreendesse — não conseguia ajustar-se à atitude distante e desligada de Alice a respeito de Adelaide Durand. Era...

Sinistra.

Fez um aceno afirmativo e aproximou-se mais.

— Ao princípio era quarto de brinquedos, e tinha acabado de ser remodelado como quarto antes de a Addie ser levada. O «quarto de menina crescida» da Addie — acrescentou com um pequeno sorriso. — Estás a lembrar-te? — perguntou, de novo com cautela.

Ela abanou a cabeça firmemente. O seu curto cabelo escuro estava a crescer. A franja caiu-lhe para os olhos. Ela espetou o lábio inferior e soprou para cima para libertar a visão. O gesto natural e *sexy* distraiu-o.

Tal como a maior parte das coisas em Alice.

— Não me lembro.

Apesar da rápida e firme negativa, ele não teve a certeza absoluta se devia acreditar.

— Então, porque é que estás aqui?

— Fiquei curiosa — respondeu ela, as sobrancelhas a arquearem-se em resposta ao calmo desafio.

— E como é que adivinhaste que este era o quarto da Addie?

Ela encolheu os ombros.

— Tentaste esconder-mo. E é o mais bem situado na casa, tão grande e arejado... — Calou-se, a olhar os tetos trabalhados, o papel de parede de seda azul-prateada, e a enorme janela com um banco almofadado embutido por baixo, com vista para os jardins e para a dramática queda do irregular penhasco calcário sobre o lago Michigan. Como era de noite, os seus reflexos brilhavam vivamente no vidro preto. O quarto estava quase vazio, com apenas uns poucos artigos pessoais que restavam da sua recente ocupação por Dylan. — Tu e o Sidney sugeriram que os Durand gostavam muito de Addie e davam-lhe sempre o melhor — continuou ela. — Por isso calculei que a melhor suite lhe pertencera. E pertenceu-te a ti. Alan Durand também gostava de ti — acrescentou, mais uma vez olhando-o nos olhos.

Lentamente, virou-se. Vestia apenas a *T-shirt* que usara na fogueira do acampamento e um par de cuecas de algodão semitransparentes. O olhar de Dylan caiu, por instinto, sobre o corpo dela, percorrendo-lhe os ombros elegantes, os seios cheios que se projetavam em tão erótico contraste com os membros finos, cintura e anca estreitas. Depois demorou-se entre as coxas dela. Alice pintava o cabelo de uma modesta cor quase preta, mas o seu verdadeiro tom era um ouro-avermelhado, uma combinação do cabelo louro do pai e o rico acobreado da mãe. Apesar da tensão do momento, ele sentiu o seu corpo palpitar de excitação, com a visão do triângulo de pelo cor de cobre debaixo do tecido. Havia também qualquer coisa no contraste entre a força de miúda dura de Alice e a sua potente vulnerabilidade que o fazia incendiar-se, qualquer coisa primitiva e forte.

Arrastou os olhos para o rosto dela.

— Deve ser estranho pensares em mim a viver no quarto da Addie. Aqui. Na casa Durand — acrescentou, dando mais um passo para ela. Aproximava-se muitas vezes de Alice como se fosse um animal selvagem, altamente consciente de que ela podia desatar a fugir a qualquer momento.

Estava decidido a apanhá-la, não importava que movimento ela fizesse.

Alice abanou a cabeça. Não lhe restava nenhum vestígio da maquilhagem. Sem o pesado *eyeliner* e rímel que tantas vezes usava para

se esconder ou para intimidar — ou ambas as coisas — os seus olhos azul-escuros pareciam enormes, no rosto delicado. Céus, o que ele sentira quando a vira entrar naquele escritório em maio, tão pouco à vontade e, no entanto, tão desafiadora no seu barato fato novo. A verdade atingira-o de imediato, abalando, agitando-o até ao centro dos seus ossos, embora se tivesse esforçado ao máximo para ocultar o choque. Ele já vira aqueles olhos azul-safira. Mas Dylan desconfiava que, mesmo que *tivesse sido* a primeira vez que a via, podia ter ficado igualmente abalado. Os seus olhos seriam capazes de hipnotizar homens com as mais nobres intenções.

E as piores, também.

— Não, não me parece nada estranho. Consigo ver-te neste quarto. Foi o Alan que sugeriu que ficasses com ele?

— Foi, sim. Mesmo antes de morrer.

— E saíste — o seu queixo ergueu-se e os olhos cintilaram naquele seu habitual ar de desafio — por minha causa, não foi?

— Não sabia o que ia acontecer. O Sidney achava que devíamos expor-te ao ambiente com cuidado — admitiu.

Sidney sugerira trazê-la à propriedade sob o pretexto de a contratarem como monitora do Campo Durand quando descobriram que — milagrosamente — ela era formada em Gestão. Naquelas circunstâncias, Dylan poderia determinar o que ela recordava da sua vida ali — se a recordava de todo — e ver como reagia ao ambiente. Se Dylan não conseguisse fazê-lo pessoalmente, os dois funcionários da segurança que pusera a vigiá-la em segredo poderiam dar-lhe informações a respeito do seu estado de espírito.

— Eu conhecia os hábitos da Addie Durand — disse ele lentamente. — Havia alguns sítios que temi poderem desencadear recordações demasiado depressa. Este, embora tivesse sido redecorado. A suite do Alan e da Lynn. O escritório, o estábulo, a biblioteca... e a sala de jantar. O *hall* de entrada, a cozinha, a sala de estar, os jardins do terraço e a sala de média foram extensamente renovados, por isso não me preocupavam tanto. A maior parte dos outros quartos não era muito usada, nem pelos Durand nem por mim, por isso não me preocupavam nada.

Ele hesitou.

— Nunca imaginei que fosses dar, sem querer, à sala de jantar, logo naquela primeira noite no castelo. Nem ao estábulo no dia seguinte

— disse-lhe Dylan, escolhendo cuidadosamente as suas palavras. Alice deixara muito claro que, embora pudesse discutir os pormenores de Addie Durand, o rapto e o papel de Dylan na tragédia, não falaria de Addie e de si mesma como se fossem a mesma pessoa. Naquele momento, estavam a pisar terreno volátil.

Viu as pálpebras dela estreitarem-se ligeiramente, e soube que cometera algum deslize, apesar da cautela.

— Desconfiaste que ia estar no teu quarto, mesmo antes de eu chegar? E foi por isso que mudaste de quarto, para não desencadear nenhum... — Calou-se, insegura, com noção de que se estava a aproximar demasiado do lume. A sua expressão desafiadora voltou de imediato. — Pensei que tinhas dito que não tinhas planeado nada de sexual entre nós... que isso apenas *aconteceu*, naquela manhã no estábulo...

— E é verdade. E, como estou a ver que precisas que te lembre, foste tu que me seduziste, Alice — disse ele com um olhar severo e marcado, destinado a esmagar de imediato a desconfiança dela. Não funcionou. Dylan arrependeu-se da sua postura defensiva e encurtou o espaço entre os dois. Foi percorrido pela satisfação quando a tomou nos braços e a tensão desapareceu dos seus músculos. Ela encostou-se a ele.

— Se é isso que queres chamar aos três primeiros segundos do que aconteceu naquele estábulo. Depois disso foste tu, querido — resmungou ela entre dentes.

— Não te ouvi queixares-te.

Os olhos dela ergueram-se.

— Estou a dizer-te a *verdade* — disse Dylan sucintamente. — Não tinha planeado ficarmos juntos no estábulo naquela manhã. Como é que podia fazê-lo? Não sabia que lá ias aparecer. Eu *não* planeei envolver-me contigo daquela maneira quando chegaste ao Campo Durand.

— Então porque é que te preocupaste com a possibilidade de vir aqui... a este quarto? Porque é que arrumaste as tuas coisas e decoraste uma suite nova, se não estavas a *planear* dormir comigo? Por que outra razão viria eu ao *quarto* do CEO da Durand Enterprises se não esperasses que nos tornássemos amantes? — quis ela saber.

Dylan suprimiu um suspiro. Apesar de ela o ter agarrado pela cintura e pressionado ligeiramente os seios e barriga contra ele num gesto tentador, a expressão desconfiada que era sua imagem de marca permanecia nos seus olhos.

— Não foi por estar a planear seduzir-te — disse ele com um ar terminante, percorrendo-lhe as costas elegantes e a curva estreita das ancas com as mãos. Sentia o desejo por ela crescer. Como se teria desenrolado tudo aquilo se aquela poderosa atração não existisse? Era difícil de saber, mas teria arranjado maneira de a aproximar dele.

— Então *porque foi?* — insistiu ela, sem se deixar intimidar por um tom de voz que Dylan usava regularmente para fazer recuar alguns dos mais veteranos e experimentados executivos no mundo. Claro que não fazia recuar Alice. Ele fechou brevemente os olhos. Raios, ela podia ser impossível.

— Dylan?

— Senti-me um intruso por estar aqui... sabendo que estavas prestes a chegar à propriedade Durand.

— Sentiste-te um intruso? — perguntou ela lentamente, parecendo assombrada. — Porque esta casa era de Alan Durand? Por causa da tua história com ele?

Ele sustentou o seu olhar.

— Porque já não era o meu quarto, Alice. Já não era a minha casa, na verdade. Deixou de ser quando chegaste. Ponto final.

Foi apunhalado pelo arrependimento pelo seu tom duro quando viu o volumoso lábio inferior de Alice tremer.

— Desculpa — disse, frustrado. — É só que, às vezes, não paras de insistir. E é difícil saber quando queres a verdade e quando não a queres.

— Eu sei — apressou-se ela a responder. Também parecia arrependida. — E não é verdade o que disseste. Claro que o castelo Durand é a tua casa. Pertence-te, não pertence? Não a compraste?

— Sim, mas só porque Alan Durand me ofereceu a casa como parte do contrato especial que criou para me permitir adquirir ações da Durand quando me tornou CEO. Eu não teria podido comprá-la naquela altura da minha vida, se não me tivesse oferecido certas concessões. — Suspirou com a memórias das negociações que tinham antecedido a sua tomada de posse da Durand Enterprises. Alan fora tão obstinado. Tão insistente. Tão *generoso* na formulação de um plano que permitisse a Dylan assumir fácil e completamente o leme da empresa. Tinha saudades de Alan Durand, mais do que gostava de admitir.

— Em tempos, a terra estava associada a um título. Foi o que o Alan me explicou. Alan adorava história europeia, e viagens — recordou com

afetuoso divertimento. — Ele insistiu que eu seria levado mais a sério como líder da Durand Enterprises se fosse senhor do domínio simbólico da empresa.

— O castelo e a propriedade — disse Alice, com um pequeno sorriso a brincar-lhe nos lábios. Depois voltou a ficar séria. — Não me lembro de ter sabido como ele morreu. O Alan Durand.

— Cancro testicular.

Viu uma sombra cruzar-lhe o rosto. Ficou tenso. Mas ela tinha perguntado, não tinha? Estaria preparada para a verdade? Receou que fizesse ainda mais perguntas. Mas, em vez disso, viu-a inspirar e virar a cara.

Ainda não está preparada para ficar a saber mais sobre as mortes deles. Dylan não sabia se devia ficar preocupado ou aliviado com isso. Mas uma coisa sabia. Se *ele* alguma vez fizesse a bizarra descoberta de que tivera em tempos uma mãe e um pai afetuosos, não estaria demasiado ansioso por mergulhar no tema de os ter perdido antes de os chegar a conhecer. A negação era, para Alice, a única estratégia para lidar com tudo aquilo, e ele tinha de tentar respeitar isso, à medida que ela ia assimilando rapidamente a nova realidade. Ainda só tinham passado uns poucos dias desde que lhe falara de Addie Durand, afinal de contas.

Dylan sentia-se a navegar sem mapa num campo minado.

— Tu és o dono desta casa, Dylan — disse ela, soando subjugada.

— Não. Não inteiramente.

Envolveu-lhe o queixo com uma mão, tentando desvanecer a sua súbita expressão perturbada... a sua abrupta fragilidade. Ela olhou para ele por entre a franja escadeada, a expressão a lembrá-lo de novo de uma coisa cautelosa e selvagem.

— Custa tanto a acreditar — disse ela num tom apressado. — Quero dizer, não que pense que estás a mentir. Porque é que havias de o fazer? É só... — A sua expressão tornou-se um pouco mais desesperada enquanto ela procurava as palavras para se explicar. — Não podes começar num segundo a pensar que o mundo é redondo, quando pensaste toda a vida que era plano. — Ela soltou uma curta gargalhada, como se tivesse acabado de absorver o significado das suas palavras. — Não é uma má analogia, por acaso — balbuciou para si mesma. — Estou mais ou menos a sentir-me como se pudesse cair da terra para o vazio, de cada vez que penso no que me disseste. Por favor, compreende.

— Eu *compreendo* — garantiu ele baixinho, os dedos a mergulhar

no seu sedoso cabelo curto. Envolveu-lhe o crânio com as mãos. Era difícil ser o empresário racional quando estava com Alice. Era difícil ser objetivo naquela situação. Mas tinha de tentar. Havia tanto em jogo.

— O que é que achas que poderia ajudar a tornar tudo isto real?

Ela abanou a cabeça.

— Não sei muito bem. O tempo, talvez.

Dylan anuiu, baixando a cabeça até ficar a meros centímetros do rosto dela.

— Achas que ver provas tangíveis pode ajudar?

Ela pestanejou.

— Como o quê? Mais fotografias?

Ele apertou-a com mais força contra si. Sentiu a *T-shirt* dela fresca e ligeiramente molhada contra a pele nua do seu tronco. Mas, apesar do frio do tecido, foi a sensação dos seios redondos a pressionar-se contra a sua caixa torácica que fez a pele dele se arrepiar. Os mamilos eretos eram uma distração. Dylan obrigou-se a recuperar a concentração.

— Não apenas fotos. Foste tu própria que disseste que não experimentas nenhuma ligação com as fotografias da Adelaide Durand.

— Então, o quê? — perguntou ela num tom rouco.

— O médico do Alan e da Lynn Durand ainda trabalha no Morgantown Memorial. Ele tem na sua posse algum do seu material genético. Foi o Alan que tomou providências nesse sentido, para garantir que existia um meio potencial de identificar a Addie. Podes descobrir sem sombra de dúvida se os Durand eram teus pais.

Ela ficou a olhar para ele com um ar inexpressivo.

— Queres que faça um teste de ADN?

— Só se estiveres disposta a isso. Não tem de ser agora — disse, acariciando-lhe o pescoço. Percebera por experiência própria, na última semana, que o seu toque a ajudava a focar-se. A acalmar-se. A distraí-la dos seus fantasmas. Era egoísta, também, mas não se importava de usar aquele facto proativamente para a ajudar ao longo do processo.

Não se importava de usar *fosse o que fosse*.

— Queres dizer... não tem de ser agora, mas tem de ser em *algum* momento.

Ele esforçou-se para manter o rosto impassível, muito consciente de que estava mais uma vez a passar por um campo minado.

— Eu soube a verdade quase no primeiro segundo em que te vi. Não

preciso de mais nenhuma prova de que o que te disse é cem por cento verdade — disse, olhando-a com firmeza nos olhos.

— Mas *haverá* quem exija essa sólida prova.

Uma visão imaginada de uma sala cheia de sombrios diretores e advogados da Durand — todos os potenciais céticos e pessimistas, pessoas que entrariam em pânico perante a ideia de uma possível sublevação na Durand Enterprises — percorreu a mente de Dylan.

— Haverá bastantes pessoas que poderão querer ver os resultados desses testes — repetiu o mais calmamente possível.

Ela mordeu o lábio e desviou o olhar. Para além de todas aquelas bizarras circunstâncias em que se encontrava, Dylan sabia que Alice Reed era tipicamente uma jovem mulher prática e terra a terra, com um brilhante cérebro para a matemática e os negócios. Tinha a quem sair. Alan Durand possuía uma das mais argutas mentes para os negócios que alguma vez conhecera, e Lynn fora uma notável académica. Era professora de Matemática na universidade do Michigan quando Alan a conhecera. Dylan estava satisfeito por ver Alice focar-se tão racionalmente no difícil assunto.

— Eu não quero nada do que era de Addie Durand, por isso, o que é que isso me interessa? — perguntou.

— Ainda não sabes isso.

— Eu sei o que quero e o que não quero, Dylan.

— Então, fá-lo por ti — sugeriu ele sem uma pausa. Estava preparado para a resposta dela. Estava preparado para a sua teimosia.

— Por mim?

Ele fez um aceno afirmativo.

— Era isso que eu queria dizer. *Tu* precisas de provas. Não apenas da minha palavra. Precisas de provas em primeira mão. Será uma coisa mais firme a que te agarrares.

— Um começo sólido — sussurrou ela.

— Um começo sólido — concordou Dylan, o alívio a varrê-lo porque vira qualquer coisa fazer clique no olhar dela, e soube que Alice aceitaria o teste genético. Ele precisava daquela prova tangível como escudo contra potenciais desafios.

Baixou-se e roçou a boca contra a dela. Tencionava que o beijo fosse suave e tranquilizador, mas Alice tinha outras ideias. Pôs a mão na nuca dele, puxando-o contra si e pondo-se em bicos de pés. Ele reagiu ao seu convite como sempre.

Por inteiro.

O beijo aprofundou-se. O desejo de Dylan foi alimentado pelo combustível do dela. Tão doce. Tão típico de Alice, estar desconfiada e com dúvidas num momento e a transportá-lo para o centro das chamas dois segundos depois.

Tinha de a ter de novo naquela noite, senti-la derreter sob o seu toque, nua e submissa ao laço que os unia. Precisava disso por Alice.

Precisava disso por si mesmo.

Dylan inclinou-se sobre ela, as bocas fundidas, as línguas enredadas. As mãos dele eram gananciosas e seguras enquanto lhe mol-davam os músculos das costas e ancas e depois deslizavam por baixo da sua roupa interior para lhe envolverem as nádegas. Alice encostou-se mais a ele, desesperada pela prova da sua crescente ereção do outro lado da braguilha das calças de ganga. As suas mãos imitaram as dele, deslizando por baixo da cintura baixa das calças e acariciando-lhe os duros globos redondos do rabo. A excitação crescia pelo seu corpo, exigente e aguda. Pensou que devia estar a acontecer o mesmo a Dylan, porque ele gemeu fortemente contra a sua boca e mudou a posição das mãos como que para a erguer.

Conhecia-o o suficiente para adivinhar que ele estava prestes a levá-la para a cama para a consumir totalmente. Havia uma coisa que sabia de Dylan: ele nunca fazia nada por metade.

— Não — sussurrou roucamente contra os lábios dele quando interrompeu bruscamente o beijo.

— Não *o quê?* — murmurou ele, as sobrancelhas negras a inclinarem-se perigosamente enquanto ele a olhava, a boca numa linha sombria. Ela também conhecia Dylan o suficiente para saber que ele não gostava que lhe fosse recusado o que queria, *quando* o queria.

Como o queria.

— Aqui — disse Alice, segurando-lhe o queixo áspero da barba por fazer e fazendo-o voltar para a sua boca. Não sabia muito bem porque o tinha dito. Não havia uma única peça de mobília no quarto.

Ou talvez até soubesse. Não gostara de o ouvir dizer que aquela casa e aquele quarto não lhe pertenciam. Queria que ele reclamasse aquele espaço da maneira mais primitiva.

Talvez quisesse também marcar a sua própria alegação. Aquele

quarto, aquela casa, aquele mundo... nada daquilo era dela. A única maneira de conseguir orientar-se por aquele estranho novo território era com Dylan como guia. Como a sua ligação. Por vezes, a paixão entre ambos, aquela intensa fome que nutriam um pelo outro parecia-lhe a única coisa que era real.

Durante alguns segundos, ele resistiu, a sua expressão a tornar-se dura e inescrutável enquanto a olhava. Ela esfregou os seios de forma sedutora contra o peito e costelas dele, circulando a pélvis contra o seu pénis. Alguma coisa cintilou nos seus lustrosos olhos negros. *Olhos de cigano* — era assim que ela pensava dos seus olhos. Girou as ancas mais firmemente. Sentiu o triunfo quando viu o rito denunciador formar-se na boca de Dylan. Passou os dedos pelo queixo dele e depois sobre os lábios firmes, tentando-o.

Mesmo assim, ele não se moveu.

Ela deslizou uma mão pela pele macia do tronco dele, gozando a maneira como o sentia ficar hirto sob o seu toque. Baixou o olhar para onde os dedos lhe tocavam, observando-se a acariciar as duas cicatrizes mesmo abaixo das suas costelas. Foi inundada por uma poderosa emoção. Dylan fora esfaqueado ali pelos raptores de Addie Durand. Quase morrera, aos catorze anos, para tentar salvar aquela menina. Fechou as pálpebras com força, mas abriu-as quase de imediato, consciente do olhar de falcão de Dylan e não querendo trair a sua vulnerabilidade.

Os seus dedos desceram, procurando uma distração que aligeirasse o seu estado emocional. Encontrou-a de imediato.

Ele era o homem mais belo que alguma vez tocara. Que alguma vez *vira*. Adorava provocá-lo, mas isso não significava que não temesse um pouco o resultado. Sabia melhor do que a maior parte das pessoas que o polido aspeto de homem de negócios de Dylan ocultava um espírito feroz, selvagem, sempre magnífico. O conhecimento daquele lado tão intenso da personalidade dele acrescentava um traço de proibido à sua própria excitação.

Percorreu-lhe uma costela com uma unha, reparando no seu ligeiro estremecer. As pontas dos seus dedos desenharam-lhe o abdómen firme, descendo depois pela fina e sedosa tira de pelo escuro por baixo do seu umbigo. Introduziu o indicador por baixo da cintura das calças de ganga dele e acariciou-lhe a pele naquele doce ponto vulnerável: para cima e para baixo, para cima e para baixo. A expressão de Dylan tornou-se

dura como pedra, o seu olhar a semicerrar-se. Depois os dedos dela prenderam-se ao primeiro botão das calças, sentindo a tensão dele e a sua própria expectativa a crescer. Muito devagar, desapertou-lhe o botão enquanto continuava a sustentar o seu olhar.

Deixando-lhe a maior parte dos botões ainda apertados, enfiou a mão nas calças e encontrou a cabeça do pénis, macia como veludo, a pressionar-se contra a anca. Fez deslizar os dedos sobre a bem definida e succulenta coroa e fez um firme e abrupto puxão para cima.

Dylan sobressaltou-se e soltou um silvo. Quando Alice deu por si, ele tinha-lhe prendido as mãos atrás das costas. Ela arfou e depois riu-se, trémula, quando ele a fez virar rudemente entre os braços.

— Consegues o que queres com demasiada facilidade, sabias? — disse-lhe ele, a voz grave e sedosa e quente, os lábios firmes na orelha e garganta dela a lançar um potente arrepio por todo o seu corpo. Ele encostou-se às suas costas e transferiu-lhe os pulsos capturados para a parte da frente. Fletiu as ancas, premindo o pau contra o rabo dela, numa exigência de aço. Ela gemeu. Os dentes dele roçaram suavemente contra a pele arrepiada do pescoço dela, e o gemido tornou-se mais trémulo. — Mas, por vezes, acabas por ter mais do que aquilo que querias, Alice — sibilou-lhe ao ouvido antes de a sua boca se fechar na abertura, e o prazer percorreu-a.

Empurrou-a por trás, fazendo-a aproximar-se da janela. Alice captou um reflexo do seu rosto ao espelho escuro do vidro brilhante. Os seus olhos pareciam enormes, a sua expressão, uma estranha mistura de ansiedade e excitação. Reconhecera aquele aviso na voz dele. Adorava *mesmo* provocá-lo, e havia sempre um preço por se provocar um tigre. Mas era o que estava a precisar naquele momento, o estado de esquecimento na sua exigente paixão.

— Inclina-te para a frente e apoia as mãos no assento — rosou ele suavemente. O coração dela saltou, acelerando ainda mais.

Sim. Era *precisamente* aquilo que ela queria.

Dobrou-se pela cintura, pousando as palmas das mãos no assento almofadado. A ação fez com que o seu rabo ficasse ainda mais comprimido contra as virilhas dele. Conteve um gemido e empurrou ainda mais. Sentia o contorno da ereção dele, o seu subtil palpitar. Um pequeno grito escapou-se dos seus lábios quando ele colocou as mãos no seu rabo num gesto possessivo. Depois sentiu-o recuar um passo, fazendo deslizar as

palmas das mãos contra a sua pele, enquanto lhe baixava a roupa interior de algodão até às coxas.

— Afasta as pernas — instruiu curtamente. Alice abriu as coxas vários centímetros. A ação esticou-lhe as cuecas, que estavam pouco acima dos joelhos. Soube que assumira a posição que ele desejava quando ouviu o gemido rouco de Dylan. Ele abriu uma mão sobre a sua nádega direita e acariciou-lha.

— Alguma coisa me diz que precisas de uma boa palmada — disse-lhe. — Estou certo?

— Não mereço — disse ela, com um tom de trémulo desafio. O toque da mão dele no seu traseiro era altamente distrativo, mas ela queria ter o cuidado de não soar demasiado graxista.

— Mas precisas — corrigiu-a ele, as pontas dos dedos a roçarem-lhe suavemente a fenda do rabo. Ela conteve a respiração, os músculos pélvicos a contraírem-se com a aguda vaga de excitação que experimentou com aquele toque. — Não precisas? — perguntou Dylan suavemente atrás dela.

— Sim.

— E sabes que estou aqui para te dar o que tu precisas.

Ela ergueu o olhar para a janela preta na sua frente, ouvindo o pequeno sorriso na voz dele. Se não fosse aquele humor, por vezes, durante a sua dominação, ela achava que não a conseguiria tolerar, por mais que a excitasse. Dylan fazia sempre as coisas na medida certa.

Ele já estivera a observá-la no reflexo. O seu sorriso cresceu quando a viu a olhar para ele.

— Que sorte a minha — murmurou Alice com cauteloso divertimento. Ele usou a outra mão para lhe envolver a outra nádega por baixo. Moldou ambos os globos com as palmas, num gesto firme, ávido.

— Que sorte a nossa — acrescentou ele, a voz espessa de desejo, a massajá-la lascivamente, habilmente, por um momento, antes de baixar as mãos. O seu sorriso desvaneceu-se.

— Abre de novo as pernas, e desta vez deixa-as assim — disse, dando-lhe uma pequena palmada na parte interior da coxa. Ela fez um som mistificado com a repreensão; só fechara um pouco as pernas porque ficara tolhida de excitação, afinal de contas. Ele colocou uma mão na nádega esquerda, agarrando-a num gesto possessivo, e espancou-a com a outra palma. Alice deu um pequeno salto. — Fica quieta, Alice

— avisou ele suavemente. Com o ar a prender-se nos pulmões, ela fixou o seu olhar perfurante no vidro escuro. Muito devagar, Dylan voltou a erguer a mão, fletindo os músculos.

E espancou-lhe o traseiro.

— Au — saltou da sua garganta com o agudo ardor de pele contra pele. Ele nunca a espancava com força suficiente para causar qualquer dor duradoura. Mas a experiência não deixava de ser nova para ela. Surpreendia-a sempre, a excitação que lhe provocava.

— Chega de queixas. — No reflexo, Alice viu as sobrelhas dele inclinarem-se de sombrio divertimento. Ele estava a esfregar-lhe o rabo afogueado com a mesma mão que a espancara. — Concordaste que querias isto, não concordaste?

Ela engoliu em seco, porque ele começara a massajar-lhe o rabo também com a outra mão. A sua rata estava a ficar muito molhada. Sentia o clítoris inflamado de desejo. Ansiava por fechar as pernas, mas sabia que tinha de aguentar a posição para o espancamento.

— Alice?

— Sim — bradou ela. Viu a expressão de Dylan endurecer com o seu tom. Ele ergueu a mão e espancou-a na nádega direita uma vez, depois uma segunda. Alice gemeu e moveu instintivamente as ancas quando ele voltou a erguer a mão. Ele prendeu-lhe o rabo enfiando um braço por baixo da barriga e segurando-a pela outra anca. Naquela posição, espancou-a várias vezes. As terminações nervosas do rabo dela começaram a arder e a palpitar, a sensação a transferir-se pelo períneo até ao sexo e ao clítoris a fervilhar.

Ele fez uma pausa e esfregou-lhe o rabo com a mão, acalmando os nervos em chamas.

— Sim o quê, Alice? O que é que tu queres? — rosnou baixinho atrás dela.

Ela conteve a respiração, a tremer, porque os dedos longos de Dylan estavam a acariciá-la perto da fenda do rabo entre as coxas. Sentiu uma pontada de prazer no clítoris.

— Quero mais — fez, a voz rouca.

Ele prendeu-lhe uma nádega por baixo, apertando-a. A ação foi sentida ligeiramente no seu sexo — nos nervos que precisavam tanto de estimulação. Cerrou os dentes.

— E?

— Fode-me — sussurrou ela, sem fôlego. — Faz-me esquecer tudo menos isto. Faz-me esquecer tudo menos tu.

Pela janela escura, viu-o transferir o olhar do seu rabo nu para a sua cara.

— Consigo fazer isso.

— Eu *sei* que consegues.

Ele deixou-lhe o traseiro de um rosa vibrante, gozando os seus gemidos cada vez mais desesperados enquanto batia e acariciava, inebriado pelo calor que emanava da sua pele macia e firme e as nádegas duras. Adorava a sua ligeira atitude de desafio ao ser espancada, combinada com a completa imersão e submissão à experiência. Caminhava sobre um fino arame. A qualquer momento, podia pisar a linha e enfurecê-la. Provocá-la sexualmente era um risco, mas o desafio atraía-o. Inebriava-o.

Alice inebriava-o.

E sempre que ela se submetia, ele aproximava-a mais de si.

Colocou ambas as mãos nas suas nádegas quentes e ergueu-as um pouco, revelando-lhe o sexo rosado e a cintilar. Foi percorrido pela excitação. O seu pénis contorceu-se desconfortavelmente. Baixou uma mão, deixando-a ainda parcialmente aberta para a poder observar. Esfregou a ereção por cima das calças, para tentar aliviar aquela dor aguda. O gemido forte que ouviu fê-lo erguer a cabeça. Os olhos dela pareciam enormes no reflexo na janela.

Manipulou o pau mais devagar, altamente consciente de que ela o observava pelo vidro brilhante.

— É isto que queres ver quando entras neste quarto? É esta a recordação que tu queres?

— Sim. Céus, sim.

— Nunca mais me vais esquecer, *Alice*.

Retirou a mão da nádega dela. *Alice* baixou a cabeça e arfou audivelmente quando ele lhe enfiou um dedo na rata. Tão quente. Ele viu o ligeiro brilho na nuca dela e sentiu o impulso de passar a língua pelo seu suor. A sua avidez por ela era épica; a sua fome da completa submissão daquela mulher não tinha paralelo.

— Eu não te vou esquecer. Nunca esqueci — acrescentou desesperadamente.

Ele puxou-a mais para cima, envolvendo-lhe o sexo sensível e molhado com uma mão, o dedo ainda a penetrá-la. Fez circular a mão, estimulando-lhe o clítoris. Ela fez um som abafado.

— Estás a recordar mais do que admites? — perguntou ele, sombrio, passado um momento.

— Não — gritou Alice. — Estava a dizer que, entre todas as outras coisas, tu és aquilo que me parece mais familiar. És tu que... que me aproximias mais — terminou, rouca, ofegante. Ele sentiu o arrepio a percorrer-lhe a pele, e soube que ela estava muito perto do orgasmo.

Estacou, ainda a aplicar uma firme pressão no seu sexo, enquanto assimilava a sua admissão. Compreendeu por instinto o que ela queria dizer. Era a sua presença que a levava mais perto do limiar da memória; que a levava à profunda, talvez intransponível, divisão entre o seu presente e o seu passado.

Inclinou-se para lhe fazer as descer as cuecas até aos pés.

— Despe-as e põe-te de joelhos — ordenou. Agarrou-lhe as ancas nuas, guiando-a para o banco curvo embutido por baixo da janela tripla. Era um banco estreito almofadado, concebido para se poder olhar o Grande Lago e os magníficos jardins em baixo. — Apoia-te ao lado das janelas.

— Mas o que...

— Faz o que eu te disse — disse ele em voz baixa, conduzindo-a para a estrutura de madeira entre a janela do centro e a da direita. — Agora debruça-te para a frente e põe as mãos por cima da cabeça. Prende-as à estrutura de madeira. Não te preocupes. É sólida. Vi como esta janela foi feita durante a remodelação do quarto, antes de me mudar para aqui.

Alice foi percorrida por uma medida de satisfação e excitação amplificada quando seguiu as instruções sem mais hesitação, dobrando-se pela cintura enquanto estava de joelhos, de forma a expor o rabo rosado e redondo. Incapaz de resistir à tentação, ele espancou-a rápida mas suavemente numa nádega, deixando a outra mão a subir pela sua barriga acima por baixo da *T-shirt*. Ela gemeu o nome dele, trémula, quando o sentiu envolver-lhe um seio farto e depois espancar-lhe de novo o rabo. Virou a cabeça de forma a pousá-la sobre o braço e ele poder ver o seu perfil. Tinha as faces tão afoguedadas como o traseiro; as pálpebras estavam pesadas. Era linda. Lentamente, eroticamente, ela fez circular as ancas, acenando com o rabo numa hipnotizante tentação.

A chamá-lo.

Ele espancou-lhe com firmeza a pele esticada e quente, a castigá-la por tentar voltar a marcar o ritmo... a recompensá-la pela sua beleza singular.

— Alice — sibilou ele, desafiado pela visão da excitação dela. Do seu abandono. — Abre os olhos.

Viu as pálpebras dela agitarem-se.

— Vê-te pela janela — ordenou.

Lentamente, puxou-lhe a *T-shirt* sobre os globos dos seios e a cabeça, expondo-lhe a linda extensão das costas nuas. Atirou a *T-shirt* para o lado, o olhar fixo nela. A sua pele era de uma cor maravilhosa — pêssego e creme onde não estava bronzeada, alperce acobreado onde estava. A visão dos pálidos seios suspensos à janela fê-lo cerrar os dentes com força. Nunca conhecera uma mulher que se lhe comparasse. Observou-se ao espelho enquanto lhe acariciava, por um momento, a barriga firme e os peitos suspensos. O seu pau ardia por ela.

— Vais observar-me a foder-te. Não te vais esquecer disso, pois não? — perguntou, abrindo de rompante a braguilha e baixando as calças de ganga. Apesar das ações apressadas, manteve os olhos presos no rosto luminoso de Alice no vidro escuro.

Os lábios dela formaram um enfático *não*.

Atirou as calças para o lado e colocou-se atrás dela, o pénis a palpar pesadamente. Ela dobrou-se, por instinto, vários centímetros, quando ele a segurou pelas ancas, posicionando-se. Ele agarrou o pau e afastou-lhe uma nádega a esquentar, a feroz excitação a atingi-lo com a visão de pele branca na fenda do rabo dela e o seu acetinado sexo cor-de-rosa.

Moveu o pau na direção da abertura. O ângulo não era o ideal, mas ele estava decidido a fazê-lo funcionar. Compreendera, de certa forma, o desejo não dito de Alice. Ela queria ser marcada ali. Queria tornar aquele espaço como seu. Como de ambos.

Tinha todo o prazer em dar-lhe o que ela queria. Criariam mais memórias ali, mas aquele era um ótimo começo.

Ergueu o pé, colocando-o na almofada ao lado dos joelhos dela. Levou a cabeça do pénis ao canal húmido e apertado de Alice. O ângulo era agora muito mais hospitaleiro.

— Diz em voz alta, Alice — ordenou ele, tenso, segurando-lhe as ancas com firmeza.

— Eu nunca me vou esquecer.

Mergulhou o pau no paraíso que era Alice. O gemido dela deu lugar a um sonoro grito.

— Oh, céus. Nunca me vou esquecer disto. De ti. Nunca. Nunca — entouu, enquanto ele começava a entrar e a sair do seu corpo, e a mútua e volátil paixão era transmitida como um farol iluminado para a janela escura.

Ele viu a luz e as silhuetas e mergulhou de imediato para o lado para se esconder, com medo de ter sido visto. Cautelosamente, voltou a espreitar. O suor irrompeu na sua testa e pescoço. Não conseguia acreditar no que estava a ver.

Thad Schaefer não *queria* acreditar, mas não conseguia desviar o olhar. Era algo que nenhum homem alguma vez devia ser obrigado a testemunhar: a mulher dos seus sonhos a ser sexualmente devorada por outro homem.

Maldito Fall.

Recebera ordens para estar ir ali por um objetivo específico. Nunca tinha sido a *sua* missão, mas não lhe provara já a vida que sempre estivera à mercê de outra pessoa? Embora tivesse sido rotulado como um líder nato em muitas ocasiões, a verdade é que fora criado no papel de seguidor. Não o seguidor de *uma pessoa qualquer*. Apresentava um desempenho ótimo quando estava em jogo a desaprovação ou aprovação de um único macho alfa, tudo graças ao seu maldito pai — o alfa original.

Thad não conseguiria completar a sua tarefa se se fosse embora, por mais que desejasse fugir até cair de exaustão. Outra parte de si não teria sido capaz de se afastar, mesmo que usasse cada grama de força de vontade que possuía.

Já tinha percebido o que Alice ia fazer ao castelo noite após noite com Dylan Fall. Mas não adivinhara aquilo. Uma coisa era experimentar o ardor do ciúme com a ideia de Alice na cama de outro homem. Mas o que ele estava a observar naquele momento queimava-o até ao osso.

O corpo dela balouçava, nu, enquanto Fall a possuía por trás, e os seus seios balouçavam com o choque de carne contra carne. A posse de Fall não era violenta, mas era firme. Precisa. Total.

Pensar que alguma vez achaste que tinhas uma hipótese.

Os braços dela estavam erguidos por cima da cabeça na moldura entre as duas janelas, mas ele via a maior parte do seu corpo nu através do vidro. A pele sobre as costelas estava esticada, os seios, um suculento contraste com a estrutura fina. Ela era extraordinária; muito para além de tudo o que tinha fantasiado. Mas não era apenas o corpo exposto de Alice que o deixava hipnotizado. Era o que podia ver exibido no seu rosto: a pura luxúria e abandono ao erotismo do momento.

Julgou vê-la fazer uma careta quando Fall se tornou ainda mais duro. Thad começou impulsivamente a mover-se, quase avançando para o caminho de pedra e deixando-se ver. Estaria Fall a magoá-la? Deteve-se. Conteve a respiração, com um trejeito no rosto.

Não. As suas preocupações eram escusadas. Alice levou a mão entre as coxas, ainda a apoiar-se com uma mão, procurando o alívio do intenso prazer, não da dor.

Mal tinha acabado de enfiar os dedos entre as pernas quando Fall lhe agarrou no pulso e devolveu a mão à estrutura da janela. *Sacana*, pensou Thad, embora o desprezo não dispersasse a sua concentração da cena na sua frente.

Depois era a mão de Fall que estava entre as coxas dela, e ele estava de novo a penetrá-la poderosamente. Uma estranha combinação de respeito e ardente ciúme percorreu Thad. *Fall* queria ser ele a fazê-la chegar ao clímax. Ou tivera medo que ela se magoasse se não apoiasse o corpo adequadamente, com a força com que a estava a possuir.

Ou as duas coisas, reconheceu Thad, desmoralizado. Era, para ele, bizarro e novo sentir-se ao mesmo tempo nauseado e fortemente excitado ao mesmo tempo. Culpa de Alice.

Culpa de Fall, pensou com amargura. Como é que Alice não via que ele a estava a controlar, seduzindo-a com poder, dinheiro e sexo? Anadara a aprender muito sobre a implacabilidade de Fall. A sua capacidade de manipulação. Toda a gente na comunidade empresarial sabia que ele estava habituado a ter precisamente o que queria. Antes, Thad respeitava esta característica... até compreender que Fall pusera os olhos em Alice Reed.

A mão de Fall movia-se agora mais depressa entre as pernas dela, e Alice inclinou a cabeça para o lado. Thad quase conseguia sentir o crescer da excitação dela. A noite estava escura como breu. A densa cobertura de nuvens permanecera após a tempestade, obliterando a luz das estrelas.

Via o erótico cenário com surpreendente clareza, nas grandes janelas iluminadas. Alice tinha os olhos fechados, como se toda a sua consciência se tivesse concentrado na sensação de Fall a tomá-la de arrasto. Mesmo àquela distância, Thad pressentia que o seu foco era absoluto. Com um misto de horror e fascínio, viu quando os seus lábios voluptuosos se entreabriram e o seu rosto ficou rígido.

À distância, ouviu o seu grito de prazer.

O som foi como um prego afiado a enfiar-se diretamente na sua carne e osso. Thad não sabia como tinha sobrevivido àquela nova, destilada, forma de tortura. Mas ficou.

Até ao amargo final.

Ele estava a possuí-la com toda a força, a enterrar nela o seu desejo, a ausência do seu ser. Alice desejava que o fizesse. *Adorava* que o fizesse. Ao mesmo tempo, era quase demasiado prazer e emoção para o conseguir suportar. Doía-lhe de uma forma que ia para além da dor, uma tão doce e insuportável agonia. Colocou uma mão entre as coxas, desesperada por pôr-lhe um ponto final.

— O teu trabalho é apoiars-te — ouviu-o ralar. Abriu as pálpebras. Voltou a pressionar ambas as palmas na solidez da estrutura. Ele removeu a mão do pulso dela para a fazer deslizar pela barriga dela abaixo até às coxas. Alice sentiu o pénis dele saltar dentro de si. Gemeu, perfurada pelo prazer, enquanto ele lhe esfregava o clítoris lubrificado.

— Só eu posso dar-te prazer — acrescentou ele num tom escaldante ao lado da sua orelha.

— Oh, céus — gemeu ela.

Ele entrou outra vez. Ela virou a cabeça para o lado, a tensa fricção a crescer, com a mão dele e o pau a penetrá-la a provocar-lhe um grito alto. Chegou ao clímax, o seu cru estado emocional e o efeito de Dylan sobre ela demasiado poderosos para serem suprimidos. Tremeu enquanto ele continuava a possuí-la com força, a ouvir as suas palavras eróticas como que à distância.

Quando a sentiu aquietar-se, ele deslizou as mãos pela barriga e costelas dela, agarrando-lhe firmemente os seios. Abrandou um pouco da sua possessão. Moldou-lhe a carne às suas palmas. Ela descaiu ligeiramente contra a estrutura de madeira, ofegante.

— Eu disse-te para olhares para a janela, Alice — disse ele, a voz baixa, uma rude ameaça que excitava e tranquilizava ao mesmo tempo.
— Eu disse-te que queria que te recordasses.

Ela abriu os olhos lentamente, virando a cabeça, procurando a sua imagem no vidro. Os olhos dele eram tão pretos como a noite lá fora. Ainda assim... distinguia neles a luxúria, a centelha de posse selvagem. A sua postura — uma longa perna plantada no chão, a outra dobrada, o pé no banco ao lado dos seus joelhos, só amplificava esta aura de pura dominação.

— Apoia os braços. Mantém-te firme — disse ele baixinho, moldando-lhe os seios com as palmas das mãos, as pontas dos dedos a deslizar pelos seus mamilos rígidos, a beliscá-los ligeiramente, antes de baixar as mãos para as suas ancas. Esperou que ela firmasse os músculos, preparando-se para ele. Alice não conseguiu afastar os olhos quando ele começou de novo a fodê-la. Pertencia-lhe, naqueles momentos, talvez mais do que ao seu passado. Ao seu presente.

Talvez até ao seu futuro.

Alice sentia-se esgotada, quando Dylan desligou o candelabro do quarto e fechou a porta atrás deles. A luxuriante cama dele era uma delícia já familiar, o peso dele ao seu lado era sublime. O sexo com Dylan tinha este efeito. A seguir, estava normalmente demasiado saciada e exausta para pensar.

Ou, pelo menos, era o que julgava. Os últimos dias tinham mudado as suas expetativas sobre si própria, até mesmo nos mais básicos funcionamentos do seu corpo e mente.

Um pensamento insistia em andar às voltas no seu cérebro, impedindo-a de sucumbir ao sono.

— Dylan? — balbuciou, os lábios a roçarem contra o seu peito duro.

— Sim, querida — respondeu ele, ensonado, os dedos a moverem-se contra o crânio dela. Alice adorava o som da sua voz grave na escuridão.

— Então e o gongo?

Os dedos dele imobilizaram-se. Quando não houve uma resposta imediata, ela continuou.

— Havia mesmo um gongo, não havia? Antigamente? Tenho

andado para te perguntar. A Addie Durand brincava com ele, ou coisa do género? Tu sabes... quando ela vivia aqui?

Referia-se a um incidente que ocorrera quando fora pela primeira vez ao castelo Durand, com o outros gestores e monitores, para uma festa. Alice abandonara o grupo ao ouvir soar um gongo, ficando a vaguear sozinha pela grande casa. A nota doce e misteriosa atraía-a inexoravelmente. Dylan fora encontrá-la na sala de jantar. Ao princípio, Dylan insistira que Alice não podia ter ouvido nenhum gongo, aumentando a humilhação de Alice por ser apanhada a passear pela casa sozinha. Mais tarde, ele inventara uma história sobre a cozinheira, Marie, ser a responsável pelo som misterioso. Mas, há poucos dias, Alice descobrira a sua mentira a respeito do gongo e confrontara-o com ela, o que acabara por conduzir à revelação da verdade acerca de Addie Durand.

— Sim. Há mesmo um gongo, mas ninguém o toca há muito tempo — disse ele baixinho após uma pausa. — O Alan encontrou-o numa loja de antiguidades numa viagem de negócios à China e ofereceu-o à Lynn. A Addie gostava de alguns dos objetos diferentes que ele trazia das suas viagens...

— Como o batente do cavaleiro — disse Alice, a sua voz pouco mais que um sussurro.

Dylan ergueu a mão e depois voltou a mergulhá-la no seu cabelo, massajando-lhe o escalpe.

— Como o batente do cavaleiro — concordou, ambos a referirem-se ao batente de bronze na porta de entrada do castelo Durand. — Ele trouxe o batente de uma viagem à Escócia, quando a Addie tinha três anos. A Addie gostou dele por causa de alguns dos contos de fadas sobre cavaleiros que a Lynn e o Alan lhe liam. Mas o gongo? — perguntou ele calmamente, os dedos contra o seu crânio a criarem um efeito entorpecedor. — Não consegues adivinhar o que significava para a Addie?

— Não faço ideia — insistiu ela. Agarrou-se a outro assunto que a andava a incomodar. — Dylan... Tens a certeza que não havia nenhuma verdade na história que o Matt contou na fogueira esta noite? Tens a certeza que a Lynn Durand não estava presente quando a Addie foi levada?

Ela contraiu-se quando o sentiu soerguer-se ligeiramente na cama.

— Já te disse o que aconteceu naquele dia. Eu era a única pessoa com a Addie quando ela foi levada naquela floresta. *Porquê?*

Alice hesitou. Não devia ter abordado aquilo, mas a sua curiosidade levava a melhor.

— Não é nada. Foi só... um pesadelo que tive esta noite. Era diferente dos que tinha antes. Talvez fosse só um pesadelo.

Dylan ficou à espera. Ela suspirou, sabendo que ele queria ouvir os pormenores.

— Sonhei que uma mulher que parecia a Lynn Durand estava a dizer à Addie para fugir e esconder-se. Parecia um pouco maltratada, e estava... suja de sangue. — Virou o queixo sobre o ombro quando Dylan não respondeu de imediato. Sentiu-o levar a mão à sua anca.

— Foi só um sonho — disse ele baixinho. — Aquela história junto à fogueira mexeu contigo. Tendo em conta tudo o que tens passado, não é de admirar. Mas eu garanto-te: a história que aquele miúdo estava a contar é um mito urbano, uma história que tem sido contada e embelezada até só restar uma minúscula parte da realidade. Já pedi ao Kehoe para tentar abafá-la no acampamento, mas parece voltar sempre à superfície, normalmente com uma nova reviravolta ainda mais sensacionalista. Mas já te disse o que aconteceu na verdade — concluiu com determinação. — Isso foi só um pesadelo. A Addie nunca viu a Lynn dessa maneira. Nunca. Está bem?

— Está bem. Boa noite — disse ela suavemente ao fim de uma pausa. Dylan procurou-lhe a boca num breve beijo ardente. Ela virou-se de costas e conteve a respiração. Felizmente, ele não disse mais nada. Ainda assim, Alice sentia que ele se mantinha muito atento. Não acreditara inteiramente que ela não estava a recordar outras coisas.

Nem que ela estava «bem».

Mas *devia* acreditar. Alice apenas tinha uns poucos e efémeros fragmentos de memórias que pareciam relacionar-se com a história que Dylan lhe contara sobre Addie Durand. Não sentia aqueles fragmentos como memórias pessoais. Era mais como se tivesse sido submetida a alguma espécie de técnica cirúrgica de ficção científica para lhe coserem memórias de outra pessoa ao seu cérebro. Aquela mão cheia de minúsculos e irregulares pedaços de memória criavam um contraste tremendo com os biliões de outras recordações que acumulara ao longo das duas últimas décadas da sua vida.

Por vezes, sentia-se como um computador com um vírus. O que aconteceria se aqueles fragmentos da mente de outra pessoa — do

mundo de outra pessoa — começassem a multiplicar-se e a expandir dentro de si?

Poderia Alice Reed desaparecer por completo?

A ideia apavorou-a de uma forma muito primitiva, uma forma que não conseguia transmitir a Dylan. Era difícil pô-lo em palavras.

E havia uma *sensação* que não parava de crescer dentro de si. Cada vez desconfiava mais que, se tentasse comunicar a Dylan aquela sensação amorfa, ela poderia tomar forma e solidificar-se ainda mais.

Poderia então a sensação tornar-se uma memória tangível?

Não penses nisso agora.

Addie Durand e Alice podiam ter sido uma única pessoa, em tempos, mas a brecha era completa. Agora eram duas pessoas separadas. Alice era matemática, afinal de contas. Os números faziam sentido, apresentavam realidades claras, racionais, previsíveis. Era *assim* que Alice Reed via o mundo. Estava transtornada por causa do seu medo.

Claro que podes descobrir alguns factos interessantes sobre Addie Durand sem perdes a Alice. Não sejas tão paranoica com isto tudo.

Sentindo-se aliviada pela sua auto-repreensão, permitiu que as pálpebras pesadas se fechassem. Fez uma muda prece por um sono sem sonhos.

Infelizmente, uma boa noite de sono não estava nas estrelas para Alice ou Dylan, nessa noite.

Acordou sobressaltada com o som estarrecedor de um forte e agudo alarme. Antes de conseguir pronunciar uma única sílaba, sentiu Dylan saltar da cama.

— Dylan, que raio...

— Fica aqui. Estou a falar a sério, faz o que eu te digo, por uma vez na vida — rosnou ele, tenso. Ela abriu a boca, incrédula. Teria ele visão noturna? De que outra forma poderia saber que ela estava a soltar as pernas do lençol para saltar da cama e segui-lo? Pareceu-lhe ouvi-lo mover-se pelo quarto nas frações de segundos entre os crescentes gritos do alarme.

Pestanejou quando o candeeiro da mesa de cabeceira foi aceso. Semicerrou os olhos e viu Dylan de pé ao lado da cama. Envergara um par de calças de pijama cinzentas com estonteante velocidade.

O seu rosto e tronco pareciam tensos e duros, quando ele lhe passou o telefone.

— Quero que te levantes e tranques a porta depois de eu sair.

— Mas...

— Está alguém na casa, Alice. Se não fizeres exatamente o que te digo, eu juro que...

— Está bem, está bem — disse ela de uma forma beligerante, convencida pela feroz intensidade de Dylan. Atirou com o lençol para trás.

Ele dirigiu-se para a porta de madeira apainelada.

— Liga para o número de emergência, assim que trancares a porta — disse-lhe por cima do ombro. — A polícia deve vir a caminho desde que o alarme disparou, mas vê se consegues informar os agentes de que estou lá em baixo. Não quero ser confundido com um dos intrusos pela polícia.

A realidade por detrás das suas palavras penetrou o cérebro de Alice. E se Dylan levasse um tiro da polícia? Ou de um ladrão?

— Dylan, espera, *não*...

— Sei tomar conta de mim — disse, parando brevemente com a mão no manípulo da porta. — Agora *tranca* esta porta e *fica neste quarto até eu te vir buscar*. Vou ficar desconcentrado se não fizeres exatamente o que te pedi. *Alice*. — O seu tom era como um aviso ameaçador. Ela percebeu que ele tinha visto o desafio estampado no seu rosto. A pesada ruga de preocupação na testa de Dylan e o seu olhar tenso atingiram-na.

Fez um aceno de assentimento. Ele desapareceu.

Alice sabia que o que ele tinha dito era verdade, embora isso não a acalmasse em nada. Dylan crescera nas ruas. Confrontos e violência não lhe eram coisas estranhas. E não era nenhum tolo. E também não queria que, enquanto investigava o potencial arrombamento, ele estivesse preocupado com a sua segurança, distraíndo-se.

Correu para a pesada porta entalhada e trancou-a. Alguns minutos depois de ter ligado o cento e doze e vestido o robe, ouviu o som de sirenes a misturarem-se com o guincho do alarme. Correu para a janela e puxou as cortinas, os nervos a ferver de ansiedade. No topo da longa estrada íngreme que dava para o castelo, viu o pulsante reflexo de luzes vermelhas contra o opaco céu noturno. Menos de três segundos depois, dois carros da polícia apareceram e pararam na frente da entrada, com as sirenes a apitar. Alice viu um polícia sair e correr para as traseiras da

casa, enquanto o outro — um homem muito grande — se aproximava da porta de entrada. Esforçou os ouvidos e julgou ouvir bater e depois distantes vozes masculinas.

O enlouquecedor apito do alarme cessou abruptamente. Seguiu-se um silêncio pesado, sufocante. Recordando a sua promessa a Dylan e sentindo-se um animal encurralado, Alice correu para porta trancada e encostou a orelha à madeira, desesperada por sinais do que estava a acontecer em baixo.

Após um tenso minuto a ouvir apenas o bater do seu próprio coração, os poucos fios de controlo que lhe restavam rebentaram. Correu para o *closet* de Dylan. Abriu a porta de rompante e encontrou o interruptor. A divisão iluminou-se por completo. Era a primeira vez que a via — e era uma sala, não um *closet*, pelo menos na limitada experiência de Alice com o luxo. Procurou entre prateleiras de cedro imaculadamente organizadas e o que pareciam ser centenas de fatos e *smokings* pendurados. O seu olhar prendeu-se num potencial alvo.

Vários segundos depois, descia em silêncio sobre os pés descalços a enorme escadaria curva, empunhando um taco de golfe com as duas mãos.